ANO 3.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1923 N.º 645

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O SR. Viana da Mota acompanhado por uma comissão de professores do Conservatorio Nacional de Musica composta dos srs. Freitas Branco, Augusto Machado, Tomás Borba, Alexandre Rey-Colaço, Cunha e Silva, Antonio Merêa, Mata Junior, Costa Pereira, José Henrique dos Santos, Teofilo Saguer, Venceslau Pinto, D. Dolores Vercruysse e D. Guilhermina Coutinho e dr. Joaquim Manso procurou ontem o sr. Augusto Gil director geral de belas-artes a fim de o cumprimentar por não ter sido aceite o seu pedido de demissão. Agradecendo a homenagem do corpo docente do Conservatorio de Musica o sr. dr. Agusto Gil declarou que a reforma de 1916 não representava senão o inicio de um plano de antemão traçado para cuja completa efectivação contava com a cooperação do sr. Viana da Mota ilustre director, e de todos os professores do Conservatorio de Musica.

* * *

PELA presidencia do ministerio foi determinado que ao autor do livro *Duas Patrias* o nosso colega de imprensa sr. Luís Derouet, e á Sociedade Editora *O Mundo* se deem publicos testemunhos de louvor por aquela obra de relêvo patriotico que realizaram em conjunto, autorisando, ao mesmo tempo, o primeiro dos louvados a visitar oportunamente o Brasil, em missão gratuita de estudo das artes graficas e de propaganda do seu trabalho, de que apresentará dentro de seis meses o respectivo relatorio.

* * *

O SR. dr. Guerra Junqueiro, que se encontra doente em Lisboa, em casa de seu genro, o sr. dr. Mesquita de Carvalho, passou melhor nestes ultimos dois dias, estando o seu medico assistente, o sr. dr. Moreira Junior, animado das melhores esperanças de que dentro de alguns dias o poeta eminente possa passear.

Tambem se encontra melhorando do desastre que ha dias sofreu em Toulouse o sr. dr. Eugenio de Castro. O ilustre poeta, logo que os medicos o permitam, volta a Portugal.

***

O CHEFE do Estado recebeu esta tarde os academicos srs. Fernando Calado e José Maria de Brito Paiva, que foram consultar sua ex.ª sobre a fundação de uma instituição destinada a socorrer os estudantes necessitados, devendo o assunto ficar definitivamente assente numa futura conferencia.

* * *

O NUMERO da revista *De Teatro*, correspondente ao mês de abril, é excelentemente cuidado e insere interessantissima colaboração literaria e artistica. Publica três originais portugueses, as peças «Cantico dos canticos», de Coelho de Carvalho; «Cavalgada nas nuvens», de Carlos Selvagem, e «30 H. P.», de Leitão de Barros.

* * *

A BIBLIOTECA Nacional publicou agora, numa primorosa edição, que honra as suas oficinas graficas, o primeiro volume de uma colectanea de artigos *Dispersos*, de Oliveira Martins, prefaciados e anotados pelos distintissimos publicistas drs. Antonio Sergio e Faria de Vasconcelos.

ELEVAÇAO

O debate sobre Moçambique foi ontem conduzido no Parlamento pelo sr. dr. Alvaro de Castro e pelo sr. Rodrigues Gaspar com consoladora elevação.

Se da troca de acusações e de defezas não resultou ainda o esclarecimento da questão, certo é que nem por terem legitima ancieda-de de se fixarem nos seus pontos de vista os dois politicos ilustres deixaram de respeitar o prestigio parlamentar, evitando explosões de linguagem que não sendo necessarias, podiam comtudo ser explicaveis. O sr. dr. Alvaro de Castro, principalmente, emprestou ao seu negocio urgente um nobre tom de sinceridade, acompanhado de uma boa pratica de cortezia pessoal e parlamentar.

Não é certamente este o aspecto importante a focar no debate de ontem, mas é um detalhe que não deve ser despresado, á margem capital deste importantissimo assunto nacional.

Na vida publica, como nas suas relações politicas e sociaes, os homens portugueses fingem por vezes desconhecer as regras elementares da boa educação, não sendo raro, nos assuntos de jornal e de tribuna, ver o interesse capital de uma questão prejudicada pela maneira de expor, pela febre de atacar o adversario pessoalmente, e até pelo proposito de discutir com ele, tendo-o por terra.

Tal não sucedeu ontem, sendo até registavel a maneira como o deputado interpelante ouviu, sem as explicaveis interrupções, algumas referencias, de facto, a questões que podiam merecer imediata réplica.

A questão de Moçambique continua a debater-se. Intimamente todos os portugueses o que aspiram, seja qual fôr o caminho que a questão siga, e sejam quais forem as revelações que o debate provocar—se os provocar—é que a soberania, o interesse maior da rica colonia africana, e o seu futuro, tenham saído assegurados da obra do Alto Comissario, e da solidariedade tão pratica e efectivada do ministro com o dr. Brito Camacho.

Mas, emquanto definitivamente não se fixam as opiniões, por documentos e explicações alheiadas de sofisma ou de reserva, não deixaremos nós de assinalar a elevação, por vezes a cortezia, com que o assunto tem sido ventilado.—*M.*

DECADENCIA

«GILLETTE»—Minha amiga; estás velha. Agora, sou eu a preferida dos elegantes.

ESTÁ publicado o n.º 5 do *Boletim Agricola* da Escola Moral das Caldas da Rainha, pertencente ao ministerio da Agricultura. Ocupa-se de assuntos da especialidade do seu titulo, e abre com um artigo «Maio, mês das Flores», do qual—na linguagem oficial visto que a revista á subsidiada pelo ministerio—extratamos o seguinte periodo, que é o reverso da linguagem do *Diario do Governo*:

«Cultivemos as roseiras, os craveiros, as violetas, os narcisos, os ranunculos, as betunias, as begonias, os crisantemos, que terão cada vez maior procura, porque a civilização não pára, e sente cada vez mais a necessidade da flor».

«O futuro pertence á flor».

Segundo os jornais, 917.750 flores de papel distribuidas na festa da flor custaram 10.291$, cêrca de 24 réis cada uma. E' preciso realmente que o futuro pertença á flor natural, muito mais linda e muito mais bárata.

* * *

A LIVRARIA editora «Portugalia», da rua do Carmo acaba de publicar dois livros, «Mulheres e Almas», da autoria da ilustre senhora D. Maria do Rio Carvalho (Miriam), o «Marinheiro de Portugal», original de D. Bernardo da Costa Mesquitela.

O primeiro é uma colecção de pequenas cronicas, nas quais o talento da escritora e a sua fininssima sensibilidade afloram perfumadamente. O segundo são formosos, modelares capitulos da vida do mar, onde ha historias de epopeia e evocações, tudo precedido de duas cartas dos srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A capa e os desenhos são da autoria do sr. Meneses Ferreira, brilhante desenhador.

* * *

NOTA curiosa para as pessoas supersticiosas: No passado domingo, dia 13, os toureiros foram vitimas de varias colhidas. No Campo Pequeno os dois novilheiros espanhois Teofilo Guerra e Mella, sofreram percalços de que resultou a sua remoção para a enfermaria da praça. No Porto além de Antonio de Abreu, cabo dos forcados de Santarem, que ficou com uma perna partida, um amador foi ferido com gravidade numa das mãos. Jorge Cadete, na corrida de Santarem fracturou uma clavicula.

* * *

O JUIZO sindico dos lucros ilicitos vai instalar-se num dos andares de S. Roque, onde foi o antigo ministerio, hoje simples Comissariado dos Abastecimentos. Não é fadado a grandes exitos praticos aquele lugar, parece que destinado a afundar as iniciativas melhor intencionadas. E' bem possivel, ainda que nada indique que seja provavel, que dentro de meses, funcionando ali mesmo para a eternidade, haja já uma Comissão Parlamentar de Inquerito ao Juizo Sindico dos Lucros Ilicitos do Comercio de Lisboa.

* * *

NA nossa redacção é periodicamente recebido um jornal da India Portuguesa, intitulado *Pygmeu*, que trata dos assuntos da provincia e não tem jornalisticamente interesse maior, posto seja escrito com desenfado e patriotismo. O notavel, para nós e imprevisto, neste jornal, é que são sempre ingleses os sêlos que o acreditam no correio, posto que seja remetido de Nova Goa, que é o mais português possivel e cujas autoridades portuguesas são.

AO

PUBLICO

A firma JOSÉ AFONSO VIANA & C.ª, que, se fosse condenada por obter «lucros ilicitos», teria a pena de encerramento por tempo não superior a 10 dias, viu encerrado o seu estabelecimento de mercearia na Praça de Luís de Camões, 33 a 35, antes do julgamento, por um periodo de 12 dias com todos os consequentes prejuizos, *não por obter ou procurar obter lucros excessivos,* **mas com o fundamento de que os artigos expostos á venda não tinham indicação de preço.**

Tendo, porém, sido submetida a julgamento, o Tribunal, feita a prova, até pelas testemunhas de acusação, de que nos artigos expostos se encontravam os respectivos letreiros e que só por um facto meramente casual e absolutamente explicavel os não tinham dois ou três artigos, *deu como não provada a infracção,* **de tal sorte que a sua conhecida e acreditada casa, que data de 1862, e que toda a gente sabe incapaz de infringir as leis do seu país, foi mandada reabrir e recomeçar as suas transacções.**

Agradecem as provas de estima e consideração que receberam durante os longos 12 dias de encerramento, não só da sua enorme clientela que se interessou pela reabertura da casa, mas ainda dos seus amigos e colegas, que lhes ofereceram os seus armazens e escritorios para continuação do giro comercial. Para todos o nosso reconhecimento mais sincero.

PASSAPORTE

Perdeu-se. Pede-se a quem o achou o favor de o entregar sem demora no Caes do Sodré, 64, 2.º.

Uma noite de arte

A opera «Rigoletto», ámanhã, no Coliseu para estreia da cantora portuguesa Raquel Bastos e do celebre tenor Paolis

Mais uma noite de autentica arte dá o Coliseu dos Recreios ámanhã ao publico de Lisboa com a magnifica opera «Rigoletto», em recita extraordinaria, para debute da cantora portuguesa Raquel Bastos, notavel soprano ligeiro, e para estreia do celebre tenor Alessio de Paolis que nos teatros liricos Scala de Milão, Costanzi de Roma, S. Carlos de Napoles, Massino de Palermo e Verdi de Trieste alcançou extraordinarios triunfos.

Neste espectaculo toma parte o celebre baritono Enrico de Franceschi que tem no «Rigoletto» uma das suas mais geniais criações e cujo trabalho, na anterior representação daquela opera, mereceu do publico os mais entusiasticos e justos aplausos.

A orquestra será dirigida pelo laureado maestro português Fernandes Fão cuja competencia foi já posta á prova em outras operas em que se houve brilhante e proficientemente.

VIDA LITERARIA

Reflexões ácêrca do lirismo

"DIVINA VOLUPTUOSIDADE"

O novo livro de Jaime Cortezão

A proposito do aparecimento de um mau livro, *Canções desta negra vida,* do sr. Eugenio de Castro, tive ocasião de escrever algures, o seguinte:

«Poesia quere dizer vibração — vibração de emoções e sentimentos, desde os de simples comoção, aos da mais funda penetração interior. Eis porque a mais alta feição poetica — a unica mesmo — é a feição lirica, interpretando lirismo como ele deve ser interpretado: um estado de alma emocional.

Este estado de alma, variando, produz necessariamente, manifestações diversas de lirismo, desde o rouxinal, puramente idilico, de Bernardino Ribeiro — para não ir mais longe — até as nevoas confusas, doirados aos pés de Deus, de Teixeira de Pascoais.

Erradamente se diz, nesta terra de inconscientes leitores, que lirismo traduz apenas simplicidade. Lirismo traduz alta poesia — e a alta poesia tanto pode ser puramente emotiva, alcançando, pela emoção, grandes alturas, como, alem de emotiva, metafisica, alcançando, pela inteligencia, sem que a emoção e a sensibilidade desapareçam, o que a poesia comovida consegue quasi que exclusivamente pela emoção. Se João de Deus é um poeta lirico, não o é menos Antero de Quental. O Deus que se advinha nas liricas simples do primeiro, adivinha-se nos torturados sonetos do segundo.

Simplesmente o lirismo é qne é diferente. Em João de Deus predomina a emoção que a dor, de vez am quando, confrange; em Antero predomina a inteligencia, criadora da duvida que o matou».

Se destas afirmações deduzi não sêr o artista supremo da *Salomé,* positivamente, um poeta — no sentido divino da palavra — delas concluo o contrario a proposito de Jaime Cortezão, cuja obra lirica de tão acentuada e humana belesa emotiva, se nos vae afirmando cada vez mais bela e cada vez mais forte. Provam-no os seus dois livros: *Gloria Humilde,* publicado ha anos, e que devia ser o livro da sua consagração como Poeta, se esta palavra consagração não me lembrasse logo a Academia das Sciencias — e a *Divina Voluptuosidade,* de recente aparecimento no mercado, e que numa epoca animal de grosseiro egoismo, em que *Ariel* parece esmagado por *Caliban,* é como que um grande milagre de sinceridade posta ao serviço da inspiração.

* * *

Representa, irrefutavelmente, Jaime Cortesão, no nosso lirismo, de fundo sentimental e idilico, comum a todos os que, verdadeiramente, o sintam e desenvolvam, uma modalidade bem caracterisadamente sua, que já se tendo revelado em muitas das composições da *Gloria Humilde,* no recente livro e, mormente, em tres dos seus melhores poemas — *Escada de Jacob, Hora Mistica do Amor* e *Canto d'Amor na Floresta* — mais vincadamente se nos revela e insinua. Não porque na *Divina Voluptuosidade* o seu lirismo seja mais lirico, mais puro, mais despreocupado de feições esteticas — qualidades essenciaes da *Gloria Humilde.* Mas porque, neste livro, e, sobretudo, nos tres poemas citados, o seu lirismo se ergue a maior altura, dando-nos, em admiravel expressão poetica, inspirada humana e autentica poesia.

O que é, no fundo, na sua mais intima essencia lirica, a *Divina Voluptuosidade?* Di-lo a poesia de entrada *O Anjo e a flauta de Pan,* que não sendo, debaixo do ponto de vista lirico, por conseguinte emotivo, das que mais falam á minha alma, é, no entanto, uma poesia bela pelo sentido intimo que a anima — sentido humano do amôr, que a nossa anciedade, humana, por vezes consegue tornar divino!

Um anjo entrou numa selva
De inverno, ao vir de manhã,
E, com o pé, sobre a relva,
Topou a flauta de Pan.

.....
.....

E mal a flauta gemeu
Foi de pasmar: em redor
A selva reverdeceu
E os ramos deitaram flôr!

O humano abraçado ao que é divino, um beijo que termina em oração, anciedade transmudada em extase, amôr e desejo indefindamente fundidos — a flauta de Pan que um Anjo toca — eis o sentido intimo deste livro.

Poemas de emoção humanissima, eles representam, como já disse, neste tempos de arte dessorada, e destrambelhamentos de consagrados e novatos, um grande milagre de inspiração.

Divina Voluptusiodade! A voluptuosidade dos corações grandes e das almas largas que em transporte infinito juntam ás sombras da terra as claridades do ceu!

Alves Martins

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Telefone C. 1031 SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇOES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Teresa de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, D. Maria Madalena Lemos de Brion, D. Maria Margarida Galvão Mexia de Moura Teles Bramão, D. Gabriela de Sampaio e Pina de Sousa e Barros Leitão de Carvalhosa Van-Zeller, D. Maria de Moura Coutinho de Almeida de Eça Pimentel, D. Jeronima da Camara Berquó, D. Isabel Maria da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca).

E os srs.

Visconde de Vale do Paraiso, Gonçalo Velho Alcoforado de Barbosa e Sottomayor, Alfredo Lamas, Antonio Mendes, Antonio Mendes de Castro e Vasconcelos, Raul Horta Silveira Furtado e Augusto Reis Machado.

Casamento

Na paroquial igreja da Encarnação realizou-se ontem o casamento da sr.ª D. Maria Lucilia Sousa Pereira, gentil filha da sr.ª D. Leonor Maia Pimentel Pereira e do sr. Augusto de Sousa Pereira com o sr. Eduardo Jorge, filho da sr.ª D. Elvira Rosa Jorge e do sr. Joaquim Jorge.

A cerimonia revestiu grande luzimento, sendo celebrante o rev. prior dr. Joaquim Silva que, depois da missa, proferiu uma brilhante alocução.

Serviram de padrinhos da noiva, seus pais e do noivo os seus cunhados sr. Augusto de Sousa Pereira Junior e D. Ernestina Wager Russel da Silva Sousa Pereira.

Durante o acto fez-se ouvir um «quartetto» e um grupo de meninas entoou varios trechos de musica sacra, findo o qual foi servido em casa dos pais do noivo um finissimo «lunch», trocando-se brindes muito afectuosos.

Os noivos partiram, depois, num automovel, em digressão pelas nossas melhores estancias.

Na «corbeille» figuram prendas de fino e subido valor.

A caridade

Na Creche de Santa Helena, na rua do Possolo, 22 a 24, realiza-se um chá, no proximo dia 19, cujo produto reverte a favor dos pobres da freguesia de Santa Izabel. A comissão organizadora, da qual fazem parte muitas senhoras da nossa aristocracia, está empenhada pelo brilhantismo desta festa de beneficencia.

Concertos

E' esta noite que no salão nobre da Liga Naval Portuguesa se realiza a audição de composições de D. Maria Antonieta Lima Cruz, com a valiosa colaboração de ilustres artistas e amadoras, entre as quais as senhoras D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso, D. Margarida Iglezias de Oliveira, D. Adelaide Lima Cruz, D. Irene Gomes Teixeira, D. Helena Coelho, D. Maria Amelia Craveiro Lopes de Oliveira, D. Maria Matilde Macieira, D. Lidia Benard Guedes, D. Zina Fontes, D. Gabriela de Belford Cerqueira e D. Maria Carolina Paredes.

«Rendez-vous» elegantes

A nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» esta tarde nas «matinées» do Chiado Terrasse e Salão Foz e na «soirée» da moda do Cinema Condes.

Em viagem

Regressou do norte o sr. duque de Palmela.

— Regressou ante-ontem a Lisboa o sr. conde de Agueda.

— Encontra-se em Lisboa o sr. dr. Pedro de Castro.

— Seguiu para o Douro o sr. capitão Augusto Fontes.

— Retirou para Guimarães o sr. Vicente Ribeiro Pinheiro.

— Chegaram do norte os srs. Artur Mendes Malheiro, Antonio Pimenta e dr. Alvaro Pontes.

Doentes

Encontra-se gravemente enfermo em Johanesburg o sr. Edgar da Mota Marques.

TEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Ramos, Limitada
HOJE — Terça-feira
SARAU Literario e de Arte
no qual a ilustre escritora, poetisa e pianista francesa
M.me Lucie Delarue-Mardrus
fará uma conferencia sobre a poesia, durante a qual recitará versos seus, sendo a apresentação feita pela insigne escritora D. Carlota Serpa Pinto (Clarinha) — Versos franceses e portugueses por madame Helena Van Erven de Azevedo, D. Virginia Victorino e D. Amelia Rey Colaço — SCENAS DO MINHO: Canções portuguesas por Ausenda de Oliveira, Aldina de Sousa e Sales Ribeiro e córos, com trajos regionais
A peça dos Irmãos Quintero LEITURA E ESCRITA — Bilhetes á venda.

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves — Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias — Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves — Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins — Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes — Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco — Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes — Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique — Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca — Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes — Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa — Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva — Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela — Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda — Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim — Cirurgia geral e operações, ás 16.

EPISTOLOGRAFIA

A Quinta do Ramalhão

E O ALMOXARIFE

JOÃO DOS SANTOS PINTO

Uma carta em que se alude ao pintor Domingos Sequeira

Publicamos hoje mais uma carta de João dos Santos Pinto, *Almoxarife do Paço e Quinta do Ramalhão, encarregado por S. A. R. a Princesa Nossa Senhora D. Carlota, de tudo q- he seu na Corte de Portugal*».

A quinta e Palacio do Ramalhão, fazia parte dos bens da Casa e Estado das Senhoras Rainhas de Portugal, constituida no reinado de D. João II, pelas doações que este monarca fez a sua esposa a Rainha D. Leonor, antigo costume dos reis doarem ás suas consortes, vilas e outros rendimentos para seu sustento. Extinta a poderosa Casa das Rainhas, por decreto de 9 de Agosto de 1833, foi o Palacio e quinta do Ramalhão arrematado em praça por José Izidoro Guedes, primeiro Visconde de Valmôr, estande hoje na posse dos seus herdeiros e arrendado á familia do sr. José Coelho Pacheco.

João dos Santos apezar de não ser uma figura celebre da nossa historia, muitos historiadores, dele se têm ocupado. Durante a ausencia da sua Serenissima Princesa e ama, foi ele o escolhido para cuidar de todos os bens de D. Carlota Joaquina, recebendo as rendas das propriedades, comprando, vendendo e dando as precisas ordens que o seu categorisado logar lhe competia. Resultaram grandes intrigas forjadas em Lisboa, vendo-se metido numa camisa de onze varas e em riscos de perder a confiança de sua ama. Cartas sobre cartas, eram dirigidas para o Palacio do Rio de Janeiro, e a resposta nunca chegava, estando perto de um ano sem receber uma nova.

Mais tarde João dos Santos recebeu a resposta desejada, confirmando a Princesa o credito que lhe tinha dado, vencendo, como era natural, este *fiel* depositario, que além de se saber impor, soube governar-se e só assim conseguiria ajuntar o belo peculio, que, não certamente, com os 250$000 réis que ganhava por ano. Diz ele numa carta: «*Eu aqui me tenho sostido sem me faltar nada em té ao operzente, pois vendi a tenha da m.ª Matha, por q- despois q- Vossas A. A. se foro não cobrei couza algua se não o ordenado de Atmox.e e nada mais tenho.*» Não tinha mais o pobre João dos Santos, mas não lhe faltavam palavras meigas e assim continuava: «*se V. A. poder e não lhe for pezado fazer vir ordem p.ª se me pagar os meos ordenados me fas m.ta esmola, isto he no cazo de poder ser e não vá fazer falta a V. A.*» Não se compreende bem, porque motivo tendo João dos Santos dinheiro em seu poder, mandasse pedir para o Brasil que lhe pagassem os vencimentos em atrazo. Como vivia então ele, com mulher e filhos?...

Jogou bem e ganhou a partida, enriqueceu á sombra dos creditos da Princesa, e foi provavelmente que daqui nasceram as intrigas e aos ouvidos de D. Carlota Joaquina chegou a noticia do bem que ele se governava e se cortava.

Referindo-me á carta que publicamos, diz João dos Santos que *Sequera* tratou de arrumar varios quadros. Certamente que se refere ao grande Domingos Antonio de Sequeira, que foi professor de pintura da Princesa D. Carlota Joaquina e de seu sobrinho o Infante D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança. Sequeira, foi incumbido pelo Principe Regente de preparar os quadros e outras preciosidades dos Paços Reaes, para depois serem remetidos para o Brasil, onde tanta preciosidade, tanta obra de arte, tanta riquesa se perdeu.

Nesta data, o Palacio de Belem, que El-Rei D. João V comprou por 200:000 cruzados ao 3.º Conde de Aveiras, João da Silva Telo e Menezes (e por esse monarca enriquecido com uma preciosa galeria de paneis de varios pintores nacionais e estrangeiros, que não escapou aos desejos de D. João, seguindo o mesmo destino) serviu de deposito a milhares de preciosidades, esperando a vez de embarcarem e foi neste Palacio, onde El Rei D. José, após o cataclismo de 1755, se refugiou com toda a familia real, depois de destruidos os soberbos Paços da Ribeira, e aí esperou que se construisse no Alto de Nossa Senhora da Ajuda, um Palacio todo em madeira, onde faleceu em 1777, e donde mais tarde a familia real se viu obrigada a fugir, quando em 1794, um pavoroso incendio destruiu esse Palacio Abarracado, que encerrava muita riquesa, estabelecendo desde então a Rainha D. Maria I a sua residencia em Queluz, essa modestissima sombra de Versailles, como muitos lhe chamam.

Triste fim têm tido as residencias reaes!...

Grande parte do que ainda resta no Ramalhão se deve ao almoxarife João dos Santos, como se resalta da carta que se transcreve, muitas das obras foram feitas sob a sua direcção e cuidado.

Maio de 1923.

Antonio Caldeira Pires

27 Maio 1817.

Serenissima Senhora.

Tive ahonra de remeter A. V. A. hu caxote com douze Pessas de Pano de Linho de festo do mais fino q- pude conseguir, e logo outro com as linhas de bordar, e junto as contas da Comporta, des de q- o Almox.e tomou posse depois da Morte de Manoel Correia eu pedi A. V. A. q- Mandase resposta, a respeito da limpeza das Vallas, se não fica perdida p.ª sempre, eu não me adiento a mais, por q- V. A. me predeo as mãos, despois de me ter dado toda aLiberdade sem eu saber upur que, mas eu não me posso esquecer do m.to q- sou obrigado A. V. A., eu vou tratando de tudo como sempre fis, e heide fazer em té V. A. Mandar dizer q- não quer q- eu sirva, V. A. des de vinte seis de Maio de 1810 q- me não manda resposta, de couza alguma, mas conçolome, q- V. A. áde ser ciente da verdade, e me áde fazer justiça, pois a mareso mais q- nuca, devo dizer a A. V. A. q- o cazal de Quelus de baxo fas inveja, a todos os q- o vê eu espero, q- neste Anno venda tanto, como vendeo, os 4 Annos pacados como farei ver; isti hé, se não tiver algum contra tempo, o Ramalhão tombem esta bom, eu ja dice em outra A. V. A., q- não tinha prigado nada coza alguma, do q- pretence ao Ramalhão do q- esteve embarcado, nove mezes, o q- não posso hinda dizer, do q- pretense a Quelus e o Thezouro a razão he por q- quando V. A. mandou ordem p.ª eu receber tudo, q- era seu, estava já tudo enbarcado, por João Diogo, mas elle logo quis mandar vir tudo de bordo, eu o enbarquei por estar isto em m.to prigo, mas agora, q- esta liver de susto tudo q- he de V. A. esta junto, a rezão, por q- não tenho abrido os caxotes, de Quelus e do Thezouro, he por q- pedi huã Relação, do q- esta dentro dos caxotes, e se esta tirando, elogo q- tenha a Relação virei tudo, e darei parte A. V. A. do seu estado, pareseme sera Precizo vir o Relogueiro p.ª ver os relogos pois estiverão m.to tempo em cima dagoa. Os quadros q- vierão de Mafra e os de Quelus, que pretensiam A. V. A. já forão p.ª Belem, todos perparados por Sequera e eu trato agora de fazer enbarcar com outos q- pretensem ao Principe N. S. Agora devo lembrar a V. A. q- o seo Paço de Ramalhão esta no mesmo estado em q- o deixou a seção da cozinha, q- esta a cabada a sim como a preza do jardim, os tenques do jogo, do mais nada a cabado, obra nova so fis a cascata e esta foi com os criados a sim como as cõzas, so falta pintar afrente do Paço e essa deve meter gente groanesendo a diente do Manoel, q- debe ir pintando, o q- agora se devia hir fazendo o q- eu me não atrevo a fazer sem ordem de V. A, as pinturas q- Manoel devia fazer a dentro das dependencia q- eu não me atrrvo a fazer sem ordem de V. A. p.ª q- lhe não vão dizer o q- eu não fasse, a sim como a fazerce a quelas couzas q- se devem fazer nas Quintas pois são de hũa Princeza e quanto mais sedo milhor p.ª sem sua vida a gozar pois m.to bem sabe q- isto de Plantas gastão m.to tempo aformarce não he m.to gasto, sebem q- V. A. mandou aplicar as Rendas p.ª as benfeiturias das Quintas o q- eu em te o prezente não fez por isto não estar seguro. Agora q- o esta, me não atrevo sem de novo ter ordem de V. A. pois me predeo as Maos, e fiquei tão a susto com o conceito q- V. A. da hi formou de mim q- me não a trevo sem ver de nova ordem; Eu dei parte A. V. A. q- a inda não tinha dado couza algũa a Fran.co Joze de Almeida por q- lho não devia dar, o q- V. A. da hi tem mandado, e despoes via isto em perigo e tinha tudo enbracado p.ª o q- pudesse suceder devia concervar dinheiro em m.ª mão para segurar tudo, o q- era de V. A. no cazo de hir parar a outro Porto e agora lho não dou sem tem ordem de V. A., esta primeiro reparar a Comporta se não se perde e elle espera q- não tem rezão de andar dizendo o q- ais, he hu estupido pateta, e q- elle não tem gostado, q- V. A. mandase tomar contas pelo D. Caetano mas ficou com a boca aberta pois as Minhas contas não são as delle. O Almox.e da Comporta não tem ordenado, he percizo q- lhe mande dar por todos os principios, e serve a 6 Annos sem ter nada; he o q- se ofrece por na prezença de V. A. R., Hoje, no Palacio de V. A. R. no Ramalhão em 27 de Maio de 1811.

João dos Santos

S. CARLOS Telef. C. 5063

Ultimas representações da companhia Palmira Bastos — Hoje, despedida da comedia

Marionettes

A baroneza Iréne por Palmira Bastos

Outros papeis de destaque por Emilia d'Oliveira, Carlos Santos, Henrique de Albuquerque e Samwel Diniz

Esplendido conjuncto Ultima semana

POLITEAMA

EMPREZA LUÍS PEREIRA

Telefone 3028 N.

C.ª REY COLAÇO · ROBLES MONTEIRO

A peça em 3 actos, original português de Ricardo Durão

A Luva de Ricardina

Grande exito

TEATRO AVENIDA

— COMPANHIA AURA ABRANCHES —

«Reprise» da peça em 3 actos

A PRIMEROSE

Principais papeis por Aura Abranches, Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo e Sacramento

Sexta-feira, 18 — Festa de Aura Abranches

1.ª representação da peça de sua autoria MADALENA ARREPENDIDA

OURIVESARIA CASTELHANO

Compra e vende aos melhores preços: Joias antigas e modernas ouro, platina e pratas

21, RUA EUGENIO SANTOS, 21

LISBOA

TEATRO SÃO LUIZ

A'MANHÃ

Recita do maestro LUIS GOMES

A celebre opereta

A Boneca

SEXTA FEIRA—50.ª representação de

A PRIMA INGLESA

em recita dos autores.

Bilhetes á venda — Não ha passagem

EDEN-TEATRO

Hoje e ámanhã não ha espectaculo

Quinta-feira, 17 de maio, festa artistica da graciosa actriz Zulmira Miranda, com a primeira representação da revista

O 31

Surprezas só para esta noite

Aviso: como a festejada não faz passagem estão os bilhetes á venda desde hoje, a bilheteira abre ás 12horas.

APOLO TELEF. N. 4129

HOJE C.ª José Ricardo

Ante-penultima representação

Os Fidalgos da Casa Mourisca

com Eduardo Brazão, José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini magnifico conjunto

Sexta-feira, 18—3.ª recita de assinatura e primeira representação da peça em 4 actos original de Vasco de Mendonça Alves BODAS DE OIRO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Lucros ilicitos...

O Zacarias que nunca na sua vida fumou um unico cigarro, apareceu-me ontem a deitar fumo pela boca, pelo nariz e pelos olhos. Quando o vi em semelhante estado de fumaceira, supuz que ele tivesse engulido uma tabacaria em chamas. Mas, não; era até por lhe custar a engulir uma pirraça que ele se encontrava naquele fumegante situação. Rompantes de colera indomavel transtornavam por completo o seu rosto habitualmente bonacheirão, de predestinado para ser feliz ao jogo e infeliz nos amores.

Agarrou-me pela gola do casaco, e, furioso como um deputado que acaba de perder a eleição, principiou a dizer-me do decreto dos lucros ilicitos, o que o toucinho nunca foi capaz de dizer de Mafoma.

—E' uma escandaleira! E' um abuso! E' uma torpreza!

—Mas fecharam-te o estabelecimento, Zacarias?

—Isso fecharam eles! Não que eu fui dos primeiros a mandar pôr a etiqueta no paio.

—Então de que te queixas?

Com voz mais suave, o Zacarias, feliz ao jogo, infeliz com as mulheres, explicou:

—Tu conheces aquela minha amante, a italiana, a predileta...

—Bem sei; a que tem um sinalsito na base do seio esquerdo.

—Essa mesma!—corroborou o Zacarias entusiasmado,

—Atraiçoou-te?—preguntei com naturalidade.

—Qual?! Nem por pensamentos.

—Então...

—Como de costume duas vezes por semana, ia hoje vê-la áquele segundo andar, que eu mandei mobilar á Luís não sei quantos. Bati á porta, Não me responderam. Tornei a bater. A mesma resposta. Bati ainda. Resultado identico. A' quarta vez, desesperado, bati com a cabeça. Ouvi então a voz da Francesca, muito assustada: «Quem é?» «Sou eu, o Zacarias». «Não posso abrir estou fechada!» «O quê, perdeste a chave?» «Não! Estou fechada pela policia, por causa do decreto.» «Ein?!» «E' como te digo. Lê o que está na porta.» Efetivamente li num papel afixado em cima do raio: «Mandado encerrar em virtude do decreto n.º 8444». Era verdade. Preguntei ainda: «Mas que artigo tens tu em caso sujeito a etiqueta, mulher?!» «Eu depois te conto. Volta por cá daqui a dezassete dias. Não se pode desrespeitar a lei.» Como calculas retirei, fora de mim.

—Zacarias, tu estás sendo vitima dessa mulher. Trata-se dum estratagema para se vêr livre de ti por uns dias. Quem sabe se um outro, mais feliz do qne tu, não estava dentro da tua casa rindo da conversa.

Zecarias, retorquiu indignado:

—E quem querias tu que lá estivesse? A não ser o juiz sindico, francamente, não vejo... Nada! Aqui o que ha é uma grande pouca vergonha provocada pelo tal decreto.

E despedindo-se, o confiante Zacarias, afirmou:

—Vou daqui direito ao governo civil. Sempre quero saber o que é que a policia podia ter encontrado em casa da rapariga que precisasse de etiqueta.

Sarmento Duque

Bebam o vinho AMARANTE
(Lago Cerqueira)
Pedidos: Rua de S. Paulo, n.º 20, 2.º esq.
Telefone: C. 114

A POLITICA

BARROS QUEIROZ E O SEU PARTIDO

O INCIDENTE NACIONALISTA

define-se em termos breves

UMA ATITUDE CLARA

O sr. Barros Queiroz parece ser, no seio do partido nacionalista, a antitese do sr. Cunha Leal. Emquanto este se esforça, por atitudes e palavras, que a Camara, aliás, escuta com respeito, por parecer um chefe, um condutor, um *dux* romano, á frente das suas hostes, o *sub-leader* do partido mantem-se num silencio que, podendo parecer apenas de calma, o é tambem de ponderação. E neste caso—é um guia espiritual.

Esta nossa opinião sobre o sr. Barros Queiroz foi hoje confirmada por ele proprio—antes pela sua reserva ás nossas preguntas jornalisticas.

Natural que, dado o seu papel na politica portuguesa, o desejassemos ouvir sobre o incidente parlamentar e o momentoso caso de Moçambique.

* * *

Na estação do Rocio—onde o sr. Barros Queiroz exerce uma das suas multiplas funções. O jornalista espera que termine uma conferencia—e, entretanto, daí a pouco, vê-se a cumprimentar o deputado.

—A sua opinião sobre o incidente parlamentar deve ser interessante, sr. Rarros Queiroz...

—Não tenho opinião.

—Essa agora!

—Tenho a do meu Partido.

—E com respeito a Moçambique?

—Mantenho-me na mesma atitude.

—Mas os senhores renunciam ou não renunciam?

—Não sei nada.

—A sua opinião sobre a renuncia?

—Os parlamentares vão reunir... Eles se pronunciarão...

—Desculpe a nossa insistencia. O sr. Barros Queiroz é alguem no Partido... Deve ter ideias formadas...

—As minhas ideias são as dum soldado disciplinado. Neste momento, em que lhe falo, não sou «sub-leader» nem sou membro do Directorio. Sou apenas um soldado disciplinado. Mais nada.

—Perdão. O sr. Barros Queiroz não é disciplinado—é disciplinadissimo.

E com isto nos retirámos. Não obtivemos entrevista mas confirmámos opiniões. Do mal o menos.

A atitude da maioria democratica

Os democraticos, persistindo em manter-se alheios ao conflito parlamentar, mostram-se no entanto, optimististas.

O sr. dr. José Domingos dos Santos com quem conversamos alguns minutos esta tarde, não demonstrou o minimo receio pelo agravamento do incidente.

Preguntando-lhe o jornalista se julgava possivel o regresso imediato dos nacionalistas á Camara, respondeu:

—Devem voltar. Com plataforma, ou sem plataforma, voltam. E o nosso desejo é que eles retomem os trabalhos parlamentares, continuando a colaborar honestamente na obra da maioria.

—Quando reune o Grupo Parlamentar Democratico para dar resposta ao pedido dos medianeiros?

—A'manhã.

—E resolverá?...

—Resolverá facilitar por todos os meios ao seu alcance o regresso dos nacionalistas ao Parlamento. Não lhe porá o minimo embargo. E qualquer solução será excelente, desde que não ofenda o brio da maioria.

—E se, apesar de tudo, os nacionalistas não voltassem á Camara?

—Continuariamos trabalhando como até aqui.

Junta do Credito Publico

Efectuou-se hoje, na Junta do Credito Publico, o sorteio de 1.040 obrigações da divida externa de 3 %, 3.ª serie, com juro, a amortisar em 1 de julho. A relação dos numeros sorteados deve ser publicada ainda esta semana no «Diario do Governo».

Conferencias

Conferenciaram, hoje, com o sr. ministro das Finanças, o conselho de administração da Companhia dos Fosforos e o sr. dr. João Ulrich.

CAMBIOS

DIA 15

	Comprador	Vendedor
£/Londres, cheque	2 5/16	2 19/64
» 90 dias	—	—
£/Paris	1$489	1$503
£/Berlim	0,4	0,55
£/Holanda	8$780	8$830
£/Madrid	3$413	3$485
£/Bruxelas	1$284	1$290
£/Roma	1$098	1$110
£/Suiça	4$038	4$070
£/Suecia	—	—
£/Noruega	—	—
£/Dinamarca	—	—
£/Nova-York	22$439	22$580
£/Brasil	—	—
Rio £/Londres	5 13/32	—
Libra esterlina	109$000	111$000
Ágio do ouro	—	—

Um funcionario castigado

Foi aplicada a pena de 30 dias de suspensão de exercicio e vencimentos ao guarda portão da escola primaria superior de Elvas Francisco Antonio Rodrigues Barbas, acusado de ter por habito agredir os alunos.

A repressão do jogo

E' selado o «Monumental Club»

O chefe do distrito ordenou ontem novas deligencias em varios clubs e em casas onde havia suspeitas de que se jogasse. Nenhuma delas teve resultado.

Alguns deputados enviaram ao sr. Viriato Lobo uma carta, afirmando que no «Monumental Club» se jogava.

Em presença disso, o chefe do distrito ordenou que hoje mesmo este club fosse encerrado e selado.

AUDIÇÃO DE PIANO

Realiza-se ámanhã, 16, a audição anual dos alunos do professor do Conservatorio sr. A. Duarte da Costa Reis, com um esplendido programa, no qual estão incluidas obras notaveis de Bach, Weber, Mendelsohn, Viana da Mota, Freitas Branco, Granados, Schumann, Chopin, Beethoven e Liszt, executando-se deste autor 5 rapsodias na 3.ª parte.

MUITO IMPORTANTE
Sabem onde almoçar, jantar e cear? É na Peninha, por ser este o Restaurante que oferece comodidades. Brevemente inauguração dos novos gabinetes
67, RUA PASCOAL DE MELO, 67

CASO DISCUTIDO

OS MOTIVOS DO ESCANDALO do Teatro Nacional

Fala Vasco Borges

O sr. dr. Vasco Borges, deputado, ex-ministro, não nos vai falar hoje de politica—vai-nos falar de teatro—que tambem tem a sua politica—e que politica, santo Deus! De teatro, não é bem—do Teatro Nacional. Como os leitores sabem, ele já tinha dado ontem, na Camara, o seu primeiro lamiré.

—Então o Teatro Nacional?

—Um verdadeiro descalabro artistico, e desmando disciplinar. O que ali se passa é uma falta de respeito para com o publico, pela casa em que representam, pelos interesses que lhe foram confiados, por si proprios e até pelos autores que interpretam. Emfim, um indecôro a que é preciso pôr cobro.

—Mas, na verdade, onde acha o doutor que esteja o mal?

—Numa maneira sintetica, ha males permanentes e males de caracter provisorio.

—Quais são os permanentes?

—Insuficiente remuneração dos artistas, excesso de direitos atribuidos aos societarios pela lei organica e falta de poderes de que sofre a administração, enfraquecendo os poderes de que precisava.

—Os transitorios?

—Varios nomes mortos entre os elementos que compõem a sociedade e que a fazem afundar.

—O mal não está, pois, no regime funcional do teatro?

—Não é no regime da sociedade que está o mal, a meu ver. O mal está apenas em moldes em que o regime da sociedade funciona. É preciso livrar o Teatro da concupiscencia de varias entidades que só pensam em apoderar-se dele para depois o explorar da melhor forma.

—Quanto á exploração artistica?

—É necessario dar ao Comissario do Governo, com uma maior responsabilidade, uma mais larga e eficaz intervenção. Concorda com a dissolução da sociedade?

—Não só concordo, como acho absolutamente indispensavel, remodelando-se os moldes em que assenta o seu funcionamento.

UM AGUARELISTA

A EXPOSIÇÃO DE MARIO TORRES

No salão Bobone

Mario Torres, aguarelista ha pouco saído do curso das Belas Artes, fez agora a sua primeira exposição, no segundo andar do Salão Bobone.

Trata-se dum novo de temperamento delicado, fina sensibilidade, manchando bem e sabendo dar ás tintas de agua um concerto harmonioso.

Mario Torres, como todos os iniciadores, procura dar mais a belesa, a boa côr dos assuntos, do que a verdade. Aquecendo um tudo nada as suas paisagens, que têm fluencia, fuga, movimento e na posse plena dos recursos da tecnica, Mario Torres tornar-se-ha amanhã um belo artista.

A Feira é uma das melhores aguarelas. Cheia de vida, vivacidade de tipos, de luz saltatitante. As suas casas doiradas pelo sol têm caracter. Tem um interior muito bem tocado, certa pontinha de melancolia e certa côr de rosa esmaecida, que se filtram até nossos olhos.

Esperemos que Mario Torres, no proximo ano, faça uma nova exposição, marcando com mais segurança a sua arte.

Vêr a primeira pagina:

MADE IN U. S. A. TRADE Gillette MARK KNOWN THE WORLD OVER
JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª L.DA
Rua da Conceição, 75, 1.º — LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

HOSPEDES ILUSTRES

M.me MARDRUS

REALISA HOJE

a sua 1.ª conferencia

no Teatro S. Luiz

Madame Lucie Delarue Mardrus, que é um pouco a França elegante e intelectual que veiu até nós, realiza hoje á noite, no teatro S. Luís, a sua primeira conferencia de Arte, subordinada ao tema *A Poesia*, recitando ao mesmo tempo algumas das suas lindas composições.

Romancista, poetisa, pianista, madame Delarue Mardrus possue, a par duma bela organisação artistica, o encanto da sua feminina

Lucie Delarue-Mardrus

elegancia, que levará certamente hoje ao S. Luís o melhor da nossa primeira sociedade e o escol das letras e das artes portuguesas.

Será uma verdadeira noite de Arte, que vai ficar com saudade na memoria de todos os que assistirem ao elegante espectaculo de hoje e que a empresa do S. Luís caprichou em organizar de uma maneira brilhante, de molde a satisfazer os mais exigentes.

Madame Van Ervan de Azevedo, esposa do distintissimo actor Armando de Azevedo, que pela primeira vez se faz ouvir em Lisboa, bem como a distinta poetisa sr.ª D. Virginia Victorino e essa extraordinaria organisação de artista que se chama Amelia Rey Colaço, recitarão algumas belas poesias, concorrendo assim para o esplendor da festa.

Auzenda de Oliveira e Aldina de Sonsa, com o actor Sales Ribeiro, farão algumas scenas regionais, a que emprestam o encanto da sua voz e a gentileza do seu espirito.

O programa abre com a representação da linda peça dos irmãos Quintero, «Leitura e escrita», desempenhada por Auzenda de Oliveira e Sofia Santos.

Tudo indica que o sarau de hoje, no S. Luís, irá além de toda a espectativa.

A' VENDA:
N.º 8
Revista "de TEATRO,
As peças: **Cantico dos Canticos, Cavalgada das nuvens** e **30 H. P.**, respectivamente de Coelho de Carvalho, Carlos Selvagem e Leitão de Barros. Colaboração de D. Jacinto Benavente, José Sarmento, Orsini de Miranda, Carlos A. Ferreira, Palmeirim Luiz Pinto, etc.
Cêrca de 80 paginas

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

BASTIDORES

AURA ABRANCHES

ACTRIZ E AUTORA

A INTERPRETE DA "GAROTA"

conta o que é a sua peça

"MARIA MAGDALENA,,

Vocês já viram a *Garota*, uma garota que sorri e chora, que canta e sofre, que torna a sorrir para sofrer mais, que não deixa de ser criança e já é mulher? Pois é assim Aura Abranches a conversar.

No seu camarim de boneca, em que dificilmente cabe um sofá, uma *mascotte* de papelão, alta como um bebé, sem um unico retrato, um fundo de espelho e meia duzia de flores, a *Primerose* desta noite, fresca como uma criança, a cantar o seu sorriso, a viver dele e para ele, conversa fráncamente:

— A minha *Maria Madalena* é uma peça sem pretensões...

— Como a Aura, certo, com a sua emoção, a sua ternura, a sua alma.

Negou a rir:

— Ora, não diga isso. Sabe lá o que custa a fazer teatro. Pensa-se, escreve-se, é um sonho, mas depois, depois, quando nós vêmos o nosso trabalho no palco... ah! então é tão diferente!

—Porquê?

—Vemos-lhe os defeitos, e efeitos que falharam...

—Ha quanto tempo fez a sua peça...

—Fiz os dois primeiros actos ha alguns anos. Depois esqueci-a. Quando abri a gaveta onde repousava, *Maria Madalena* estava tão pobre, no seu vestidinho curto de dois actos, que lhe fiz um terceiro...

—Está-me a contar uma historia de bonecas, Aura Abranches...

—Parece-lhe isso? Mas, não, não! A minha *Maria Madalena* não é uma boneca, e nem de longe se prende ou toca com a da Biblia...

—E' só titulo...

—Sim, titulo de cartaz... Escrevi-a no norte...

—Quere dizer, tem o aroma das giestas...

—Tem! Mas não vá afirmar que ela é regional, ouviu? Zango-me comsigo.

—O entrecho...

Aura Abranches, cuja boca é um pretexto para sorrir, sorria sempre, como uma haste que não cansa de florir, defende-se:

—Por amor de Deus, peço-lhe, não me obrigue a dizer-lho! Sabe, perde-se a surpresa, a graça!... Quando me contam o entrecho das peças, depois ao lê-las não tenho emoções...

—Sente-se desapontada como uma criança a quem negam uma boneca... prometida.

Com uma grande decisão:

—A minha peça é uma carapuça...

—Para si...

—Exacto!

—Tem mais alguma...

—Um drama, imagine! Não se assuste, não!

—A acção?

—Não posso dizer-lha...

—De que teatro gosta...

—Do italiano...

—O mais proximo da sua alma...

—Do nosso temperamento...

—Do seu, Aura Abranches...

Abrimos na conversa uma linha de reticencias, para preguntar:

—Que opinião tem da critica...

—Deve ser forte, energica, para se fazer a selecção das peças. Se, como mulher, posso ficar fria ante o publico que não acolhe bem uma peça, como actriz fico contente...

E disse, e muito bem:

—Da reacção é que sai a acção. Sabe lá quantos empenhos, quantas perseguições por um original que nos é entregue. E' já impossivel resistir por fim... A critica como agora muitos estão fazendo, sinceramente, não prejudica o teatro, engrandece-o.

E conta:

—Quando fiz a *Garota* no Brasil, no final do 2.º acto, como manda a rubrica, fui de gatas, na sala ás escuras, até á porta, por onde saem o pintor e a actriz... O publico não poude ver a minha mascara, não o pude segurar, e riu-se... Houve então um critico que discordou... Achei-lhe razão. Escrevi-lhe. Alterei, nesse ponto, a rubrica e passei a fazer o final de outra maneira—como agora.

A FROTA MARITIMA DO ESTADO

«Ou venda de navios a quem mais der, ou cedencia por fretamento á industria», diz o senador sr. Julio Ribeiro

Lembrou-se o *Diario de Lisboa* de que o senador sr. Julio Ribeiro foi um dos primeiros parlamentares que se ocupou da questão dos T. M. E.

Esta questão dos Transportes parece insoluvel e fomos solicitar do director da *Montanha* a sua opinião sobre o assunto.

—Falar sobre navios é desnecessario numa terra onde todos discutem essa questão.

—V. ex.ª não teria, porêm, uma opinião sobre o assunto?

—Opinião, lá diz o ditado, que é como agua benta, e como em Portugal ha muitas, as que dominam são formadas aos encontrões.

—Não concorda portanto com a solução que se deu?

—Nunca concordei nem podia concordar pela simples razão de me ter apaixonado com a existencia duma marinha mercante que podia ter aberto novos horisontes para o comercio maritimo de Portugal.

Estudei esta questão com amor porque pensei numa frota mercante administrada pelo Estado, libertando Portugal da navegação estrangeira e servindo como que de modelo de administração para todos. Havia o direito de pensar em tal objectivo porque nos tempos idos, nós não fomos apenas aventureiros, mas homens que se souberam dirigir e administrar.

Hoje é impossivel pensar em tal coisa porque a onda de descredito que cresceu por toda a parte tornaria impraticavel qualquer tentativa.

— Opta, então pela administração particular?

— Qual é a empreza que pode atingir o objectivo dos T. M. E.? Ninguem se iluda, porque carreiras para o Brasil, para a America do Norte e para a India, ninguem mais as faz. Eu creio mesmo que a administração das grandes companhias particulares, onde predominam politicos, não pode ser superior á administração do Estado, porque os homens são os mesmos.

E como o jornalista lhe tivesse notado uma certa animosidade contra uma empreza particular:

— Eu não sou contra coisa nenhuma. Estamos em conversa e assim lhe digo que me é antipatico vêr o unico espolio da guerra, como são os navios, arremessados como dados de banca num taboleiro de jogo.

— Mas devem os navios continuar no Tejo?

— De maneira nenhuma. Urge mesmo resolver esta questão. A' liquidação da frota podem presidir dois objectivos diferentes. Se se pensa em vendê-los pelo melhor preço ha a venda em hasta publica a quem mais der.

Pelos teatros

Amelia Bastos

Amelia Bastos, a gentil e graciosa filha da ilustre artista Palmira Bastos, que tão brilhantemente efectuou, ha pouco, a sua estreia, realisa sexta-feira, em S. Carlos, a sua primeira festa, que por todos os motivos vai ser brilhantissima. O espectaculo que é o antepenultimo em que se apresenta a Companhia Palmira Bastos é verdadeiramente seductor, pois consta do «lever de rideau», original de Leitão de Barros, intitulado «As Violetas», em que tomam parte, unicamente, a festejada e sua mãe, e a delicada peça dos Irmãos Quintero, traduzida pela sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, «Porque sim.» na qual os dois principais papeis são interpretados pelas duas mencionadas artistas.

Para esta recita excepcional estão já á venda os bilhetes em S. Carlos.

Atrás do reposteiro

A Companhia do Teatro Nacional, por motivos imprevistos, só ámanhã parte para a sua «tournée» á provincia, dando apenas dois espectaculos em Santarem, em vez de três, como fôra combinado.

— Albertina de Oliveira, uma das nossas mais gentis e estudiosas artistas, obteve ontem, no papel de «Mariana», da peça «Amor de Perdição», um grande sucesso, tendo tido a aplaudi-la um publico escolhido que enchia literalmente toda a sala do Nacional.

— Eduardo Brazão faz a sua recita no Apolo, ainda este mês, com a peça «Má Sina», de Bento Mantua. José Ricardo fará a sua, logo a seguir, com a «reprise» de «O Centenario».

— Em S. Carlos faz-se ámanhã a ultima representação da peça «A Dama das Camelias», com Palmira Bastos, na protagonista.

— Bento Faria, um dos autores da opereta «O Fado», está escrevendo uma nova peça do genero, inspirada no romance de Gabriela Revel, intitulada a «Fonte dos Amores».

— A scena do 1. acto da peça «Bodas de Oiro», de Vasco de Mendonça Alves, que no dia 18 sobe á scena no Apolo, é inteiramente forrada de esteira de palha, representando a scena uma casa solarenga em Bemfica.

— A'manhã, em recita extraordinaria, realisa-se no Coliseu dos Recreios o debute com a opera «Rigoletto» da cantora portuguesa, soprano ligeiro Raquel Bastos, e a estreia do celebre tenor Alessio de Paolis. Nesta recita toma egualmente parte o baritono Franceschi, regendo a orquestra o maestro português Fernandes Fão.

—A empreza exploradora do teatro Apolo garante-nos que não será dissolvida a companhia José Ricardo, a qual realisará naquela casa de espectaculos as cinco recitas de assinatura anunciadas no seu programa, até ao fim de julho, bem como as recitas dos societarios.

—O distinto actor-comico Silvestre Alegrim desligou-se, a seu pedido, da companhia Antonio Macedo, tendo sido contractado pela «Portugalia Film» para trabalhar durante o verão.

—Consta que reaparecerá brevemente num dos nossos teatros a gentil actriz Tina Coelho.

— Na nova produção de Vasco de Mendonça Alves, que se estreia brevemente no Apolo, José Ricardo fará um papel de alta intensidade dramatica e da mais dificil composição.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21—«Marionettes».
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—A's 21,30 — Conferencia de Madame Mardrus —Versos—Concerto—«Leitura e escrita».
Politeama—Não ha espectaculo.
Avenida—Ás 21,15—«Primerose».
Apolo—Ás 21—«Os Fidalgos da Casa Mourisca».
Eden-Teatro—Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios—A's 21—«Gioconda».
Gil Vicente—Não ha espectaculo.

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA HOJE
Quarta representação
A Luva de Ricardina

Provem os bifes
GRANDE ESPECIALIDADE
LEITARIA CHIC
Praça dos Restauradores, 20

BANCO DE CREDITO NACIONAL

Fundado em 1887

CAPITAL 1.000 CONTOS

Emissão de 90.000 acções do valor nominal de Esc. 100$000 para elevar o capital a Esc. 10.000:000$00

A emissão está tomada firme por um grupo de capitalistas com a reserva de preferencia para os Srs. Accionistas na proporção de 9 acções a emitir por cada uma das que possuirem, ao preço de

ESC. 135$00 CADA ACÇÃO

A subscrição está aberta na séde do Banco, durante as horas do expediente, desde o dia 10 a 20 do corrente mês de Maio.

Condições de pagamento

20 0[0 no acto da subscrição.
10 0[0 de 5 a 10 de Junho.
20 0[0 de 25 a 30 de Junho.

Os restantes 50 0[0 serão pagos em duas prestações de 25 0[0 mediante aviso prévio com 30 dias de antecedencia.

Aos Srs. Subscritores, que desejem pagar por uma só vez as três prestações, ser-lhes-ha abonado juro calculado á taxa de 8 0[0 ao ano.

As novas acções terão direito ao dividendo complementar do 2.º semestre de 1923 na proporção do desembolso efectuado.

A DIRECÇÃO

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

O CASO DE LAUSANNE

O ASSASSINIO DE VOROWSKY

Uma declaração grave de Tchitcherine

MOSCOW, 15

Tchitcherine discursando no serviço funebre em comemoração de Vorwsky, lançou a responsabilidade do assassinato imediatamente sobre a Suiça, emquanto que a responsabilidade moral incidia sobre os governos inglês, francês e italiano. Lembrou que o «ultimatum» inglês era uma provocação baseada sobre acusações destituidas de verdade. A Russia estava esperando os seus inimigos á sua propria porta. —(R.)

Joana d'Arc

O cortejo historico em Paris

PARIS, 15

A festa de Joana d'Arc, festejada em todos os departamentos com grandes manifestações de patriotismo, teve o seu desfecho em Paris com o cortejo historico representando a entrada de Joana d'Arc em Orleans.—(R.)

Russos e Ingleses

O governo dos soviets não aceita o "ultimatum" britanico

PARIS, 15.

O governo dos soviets recusa-se a satisfazer o «ultimatum» da Inglaterra, mas propõe solucionar o conflito com negociações. O governo britanico mantem o «ultimatum». O partido trabalhista independente e o partido comunista de Moscow decidiram apoiar o governo dos soviets.—(R.)

CASO COMPLICADO

O "medium" que ditou uma novela de um autor francês

Um ministro e um banqueiro a contas com a justiça por causa do espiritismo

O mundo espiritista está intrigado, na perspectiva da excomunhão do celebre *medium* Niculesco, que, em 1916, durante a guerra, exercia a sua profissão em casa de um rico banqueiro de Bucarest, o sr. Stefanesco, em cujos salões se reunia a mais considerada sociedade romena aficionada ás sciencias ocultas.

Tão maravilhosas eram as comunicações de Niculesco com os espiritos do Valle do Nilo, mortos ha mais de três mil e quinhentos anos, que uma filha do banqueiro, a sr.ª Mimi Stefanesco, escritora e poetisa, se decidiu a redigir tão assombrosas noticias, as quais, ao fim de vinte sessões, davam uma novela interessante passada no tempo de Amenophis IV e da rainha Taia.

Nos ultimos meses, quando lord Carnarvon exumou a sagrada mumia de Tutankamon, o sr. Stefanesco, que não é debalde um homem de negocios, lembrou-se de publicar a novela ditada pelo *medium*, aproveitando habilmente o reclamo proporcionado pelo egiptologo inglês.

Ao mesmo tempo, o livreiro francês Fasquelle, servindo-se precisamente, tambem, da descoberta de lord Carnarvon, reimpria a novela de Maurice Waleffe «O manto verde», publicada em 1906, mudando-lhe o primitivo titulo pelo da heroina da narrativa: «A rainha Taia».

O caso, como se vê, não tem, até aqui, nada de particular. Mas acontece que a «Rainha Taia» chegou a Bucarest onde o banqueiro a comprou a titulo de curiosidade. Leu-a, naturalmente—nem para outro fim a adquirira — e caiu das nuvens quando constatou que o livro é absolutamente identico ao de sua filha — o tal que o «medium» ditara.

Indignado, entregou Maurice Waleffe ás justiças, acusando o de lhe haver roubado um dos manuscritos espiritistas de 1916. Estupefacção do novelista francês que, por seu turno, vê no livro da senhora Stefanesco a reprodução exacta do seu, publicado dez anos antes, e queixa contra o banqueiro romeno que foi parar ao tribunal sob a acusação de difamador. Agora o mais engraçado de tudo: o «medium» Niculesco, o mesmo que meteu Stefanesco na embrulhada, é, nem mais, nem menos, sua excelencia o senhor ministro do Comercio da Romenia, actualmente residindo em Paris.

Calcule-se o mau bocado que este senhor ministro estará passando, agora que, esquecido já das suas velhas habilidades mediumnicas, nem por sombras podia lembrar-se de que a descoberta do tumulo de Tutankamon viesse determinar-lhe tamanha sensaboria, que é um descredito para ele e um golpe de morte para as teorias espiritas . .

VITORIA SEM LUTA

AS SUFRAGISTAS E MUSSOLINI

As mulheres italianas vão ter voto nas eleições

ROMA, 15

As mulheres italianas ganharam a vitoria na campanha pró-sufragista, sem combate. Mussolini, num discurso pronunciado na inauguração do nono congresso internacional de sufragio, prometeu o voto ás mulheres italianas, no que, afirmou, não encontra oposição de qualquer partido politico de Italia. Depois do voto nas eleições administrativas, terão as mulheres italianas o voto nas eleições para senadores e deputados.—(R.)

AS RELAÇOES RUSSO-ESPANHOLAS

Falharam as negociações comerciais

MADRID, 15

Falharam as negociações para o restabelecimento das relações comerciais entre a Russia e a Espanha.—(R.)

Campeonato de box

Beckett vence Dick Smith

LONDRES, 15

No «match» de box do campeonato da Gran-Bretanha de pesos pesados, Beckett venceu Dick Smith ao 17.º «round».—(H.)

A gréve na Belgica

O governo mobilisou os ferroviarios

BRUXELAS, 15

Para neutralisar os efeitos da gréve geral, com que as organisações sindicaes ameaçam a Belgica, o governo decidiu numa conferencia ministerial mobilisar oito classes de ferroviarios, que se apresentaram ontem nos quarteis.—(R.)

Contra factos não ha argumentos

O Deposito da Covilhã é o que mais barato vende excelentes fazendas de lã para fatos, sobretudos e vestidos.

1:000 peças de diferentes tecidos de lã para retalhar, e vender directamente **das nossas fabricas ao publico.**

AVISO IMPORTANTE—Para melhor atenderem a sua numerosa clientela, resolveram abrir na proxima segunda-feira uma **filial do Deposito da Covilhã** na **Rua do Ouro, 206-208, 1.º** (LOJA DA AMERICA, esquina da Rua da Assunção).

Mandam amostras ao domicilio. — Têm alfaiate. — Telefone 2:806.

Séde—Rocio, 93, 2.º andar
(ELEVADOR GRATIS)

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Limpe com
AMOR
os seus metais
DEPOSITARIO
CARLOS SANTOS
Rocio, 3, 3.º, LISBOA — Telef. 5172 N.

A Concorrente
de A. Mendonça Perdigão
Reparações garantidas em maquinas de escrever. Vende e compra sempre aos melhores preços, maquinas em segunda mão. Fazem-se copias á maquina.
Calçada do Carmo, 3, 3.º E. — Telef. N. 4076

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

COUPONS
da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA, BRAZILEIROS, ARGENTINOS, CHILENOS, etc., etc.
VENCIDOS E A VENCER
COMPRA
PANCADA, MORAES & C.ª—R. Augusta, 37 (esquina R. S. Julião)

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Serviço combinado com a Empreza de Transportes e Viação, Limitada de Penamacor

Aviso ao publico

Tarifa de camionagem entre a estação de Fatela-Penamacor e a vila de Penamacor

No dia 20 de maio de 1923 entra em vigor a tarifa de camionagem para transporte de passageiros, bagagens e mercadorias em grande e pequena velocidade entre a estação de Fatela-Penamacor e a vila de Penamacor.

Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a tarifa e obtel-a por compra nas estações desta Companhia.

Lisboa, 9 de maio de 1923.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º— RUA AUGUSTA —70, 2.º
TELEF. C. 1196

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O 19 DE OUTUBRO

UM DISCURSO DO TENENTE LORENA

Desprezou-se uma pista importante?

O tenente sr. Santos Lorena, defensor do arguido Felix, começa:

—As minhas pobres e descoloridas impressões têm o fim de demonstrar a verdade. Parece-me de capital importancia salientar que elementos avançados do comunismo, em antagonismo com o regimen vigente, tiveram intervenção no movimento de 19 de outubro.

Depois, refere-se á situação desembrista, que diz ter sido amparada e fortalecida pela cobardia dos que receiavam a nossa cooperação em França e Africa o que em sua opinião muito contribuiu para a atomosfera que originou factos que estão sendo julgados. Lembra a escalada de Monsanto.

—Para focar a revolução de 19 de Outubro não é necessario grande trabalho. Passo a entrar num dos pontos que considero de maior melindre para esta defesa: Estranho que, sendo preso o ex-padre Lima, para a descoberta de uma pista importante, o magistrado que o ouviu, reconhecendo que ele era uma criatura com tamanhas responsabilidades, o puzesse em liberdade sem concluir as investigações.

Ha duas categorias de culpados. E, assim, eu posso garantir que um «complot» se organizou para provocar a intervenção estrangeira em Portugal. E é ao embaixador de uma nação amiga e irmã que se deve essa prevenção, que originou a partida do nosso ministro dos Estrangeiros para Londres. Ao mesmo tempo que essa revelação tremenda se produziu, verificou-se que ela era tão justificada que o nosso governo sabia que uma figura de altissima categoria politica tinha andado audaciosamente junto das chancelarias inglesas, procurando auscultar se por acaso um movimento revolucionario em Portugal não daria azo a uma intervenção estrangeira.

O ministro dos Estrangeiros interino dessa ocasião chamou todos os oficiais com quem teve uma conferencia.

Em 1920 dá-se uma greve ferro viaria e aproveita-se esse movimento para fazer uma pequena mobilização.

Durante a guerra, a policia inter-aliada teve que exercer uma vigilancia aturada junto de algumas pessoas que de portugueses apenas têm o nome.

—Antonio Granjo, meu querido amigo, morreu imerecidamente porque era um honesto. Ele era um caracter que se não vergava nem vendia.

Exalta a esposa de Antonio Granjo, pela sua piedade e resignação.

—Essa senhora encontra-se na provincia, velando carinhosamente os ossos de seu marido, e por isso merece que lhe envie desta banca, que é sagrada, a minha comovida admiração.

A audiencia é suspensa por 5 minutos. Reaberta, o presidente adverte o defensor de que se não pode referir a nações estrangeiras e amigos.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

ATLAS O MELHOR CALÇADO
Deposito da fabrica
RUA DO OURO, 198

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes
com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

A TARDE PARLAMENTAR

O sr. Leote do Rego contra o ministro dos Estrangeiros

Não se realisou hoje a continuação do debate sobre a questão Sul-Africana, por ter adoecido o ministro das Colonias

Um dos primeiros deputados e entrar na sala, senão o primeiro, foi o sr. Leote do Rego.

Seguiu-se-lhe, pouco depois, o sr. ministro dos Estrangeiros.

Como aquele parlamentar ficou ontem com a palavra reservada, espera-se que hoje responda ás considerações um pouco asperas que o sr. ministro dos Estrangeiros fez na Camara, a proposito de varios assuntos de politica internacional e nomeadamente da viagem que o sr. dr. Bernardino Machado realisou durante a guerra a França, á Inglaterra e á Belgica.

O sr. Leote do Rego acaba de pedir a palavra para explicações.

Promete responder ao sr. ministro dos Estrangeiros com serenidade, procurando afastar questões pessoais das pugnas parlamentares.

Prestando homenagem ao sr. Domingos Pereira, lamenta que lhe tenham sido negados, pelo Ministerio dos Estrangeiros, documentos que pediu ha mais de cinco meses.

E só se o sr. ministro dos Estrangeiros queria que ele os fosse consultar de noite, porque depois das quatro horas da tarde naquele ministerio ha só porteiros!

Declara ter ficado, realmente, com a impressão de que o sr. Domingos Pereira, afirmara que a viagem do presidente Bernardino Machado não tivera caracter oficial.

E tanto assim que o sr. presidente do ministerio ficou com a mesma impressão, em face da resposta que deu ao orador.

O sr. ministro dos Estrangeiros interrompe para declarar que tinha procurado o sr. presidente do ministerio, preguntando lhe se afirmara, realmente, que a viagem do sr. dr. Bernardino Machado não tivera caracter oficial. O sr. Antonio Maria da Silva desmentiu.

O sr. Leote do Rego: — Mas não rectificou a tempo.

Dizendo que não sabe quais foramos mestres de republicanismo do sr. Domingos Pereira, o orador acrescenta:

— A' hora em que v. ex.ª, menino e moço, recebia as primeiras lições de fé republicana, estava eu em Africa e no mar, ao lado de Candido dos Reis, que foi um grande mestre de republicanos.

Referindo-se á afirmação do sr. ministro dos Estrangeiros de que ainda não tinham sido satisfeitas as suas aspirações, preguntalhe novamente quais são essas aspirações e declara em seguida:

—Não quero ser ministro, não quero ser alto comissario, não quero ser embaixador, simplesmente porque não tenho meritos para isso.

O sr. Leote do Rego refere-se agora áquilo a que o sr. Domingos Pereira chamou «as constantes viagens que determinadas pessoas fazem ao estrangeiro, sem serem diplomatas». Fala com inergia:

— Eu nego a v. ex.ª o direito de se intrometer na minha vida privada! Eu não sou continuo, nem director geral do seu ministerio!

Fala em seguida da viagem do marechal Joffre a Portugal, que teve um alto significado diplomatico, e que nasceu duma visita que ele, orador, fez ao glorioso militar, durante uma das suas viagens a França.

Refere-se ainda á proxima viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Paris, e, regosijando-se com ela, lamenta que o convite não tenha partido directamente do governo francês.

* * *

O sr. ministro dos Estrangeiros, em resposta ao sr. Leote do Rego, nega que lhe tenha sido recusada a consulta de documentos no ministerio dos Estrangeiros.

— Estranhou o sr. Leote do Rego que eu só ontem tenha vindo á Camara dizer que a situação externa de Portugal era honrosa. Só ontem o disse, porque ninguem, dentro das formulas parlamentares, mo tinha preguntado ainda e porque, legitimamente, ninguem podia duvidar de que essa situação fosse honrosa.

Acrescenta que antes de ele, ministro, telegrafar aos nossos representantes em Washington e em Paris, dizendo-lhes que era forçoso dementirem o boato que correu da venda de Macau, já os nossos representantes tinham desmentido a atoarda.

Declara que não fez insinuações á vida particular do sr. Leote do Rego.

—O sr. Leote do Rego póde continuar a interrogar-me, porque eu responder-lhe-hei sempre.

O sr. Leote do Rego, com um sorriso:

—Sou tão amigo de v. ex.ª que me penalisa vê-lo irritado como estava ontem.

O sr. ministro dos Estrangeiros termina fazendo a sua profissão de fé republicana e declarando que no desempenho do seu cargo só tem procurado cumprir o seu dever.

* * *

O sr. Agatão Lança critica a acção, ou antes a inercia, do ministro de Portugal em Washington, fazendo graves acusações áquele representante diplomatico.

Responde-lhe o sr. ministro dos Estrangeiros, declarando que procurará informar-se, a fim de proceder conforme a boa razão.

O sr. Lança acrescenta que o visconde de Alte, em vez de desmentir os boatos que correm na America do Norte sobre Portugal, proibiu terminantemente ao nosso consul naquela cidade que os desmentisse.

Em face desta grave revelação, o sr. ministro dos Estrangeiros declarou que vae proceder.

* * *

O sr. presidente do Ministerio comunica á Camara que o sr. ministro das Colonias recolheu hoje a sua casa imensamente incomodado, motivo porque não pôde comparecer á sessão, a fim de continuar o debate sobre a questão sul-africana.

O sr. dr. Alvaro de Castro pede que lhe seja comunicado o dia em que o sr. ministro das Colonias poderá vir á Camara.

Entrando-se na ordem do dia, continua a discussão do orçamento do Ministerio do Trabalho e a sessão perde todo o interesse.

O sr. dr. Alvaro de Castro, com os dois deputados nacionalistas que vieram á sessão, retira-se da sala.

A Camara regressa á discussão orçamental, que decorre sem interesse.

"CRUZEIRO DO SUL"
— POR —
NORBERTO LOPES
A sair brevemente

DE LUTO

Domingos Antonio Fabião

Faleceu ontem o sr. Domingos Antonio Fabião, de 74 anos, pai do sr. José Maria Fabião, artista da Imprensa Nacional de Lisboa, e do sr. Joaquim Antonio Fabião, comerciante em Estremoz. O funeral realiza-se ámanhã, ás 2 da tarde, da rua Manuel Bernardes, 71.

Jorge Luis Satiro da Silva

As mordomas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Escada erecta na freguesia das Mercês, mandam celebrar ámanhã, ás 9 horas, nessa igreja, uma missa resada por alma do juiz Honorario o sr. Jorge Luis Satiro da Silva, pai do nosso amigo e colaborador sr. Alberto Nicolau da Silva.

Joalharia Lory Joias de alta novidade. Oficinas proprias, encomendas e concertos. Compra brilhantes pelo maximo valor actual.—Rocio, 40, tel. N. 3.483.

UMA SCENA DE TIROS

JULGAMENTO DE D. BEATRIZ AZEVEDO

Os discursos da acusação e da defeza

No 1.º Distrito Criminal continuou hoje o julgamento de D. Beatriz de Azevedo, acusada de ter disparado alguns tiros contra o estudante Pimenta de Castro.

O defensor sr. dr. Carlos Olavo, proseguindo no seu discurso, lê algumas cartas do referido estudante, dirigidas á acusada. Tira delas varias conclusões, tendentes a demonstrar a sua falta de sinceridade. Lê tambem, para isso, cartas dirigidas a outra senhora, na mesma ocasião.

Refere-se á venda de varios papeis de D. Beatriz e a outros negocios. Lê alguns documentos, assinados pelo estudante Pimenta de Castro, referentes a uma firma de que ele era socio e a papeis de credito. Fala na entrevista concedida ao *Diario de Lisboa* por esse estudante e por seu pai, no dia seguinte á agressão. Refuta algumas das suas palavras, mostrando varias contradições.

Diz que quem devia sentar-se ali era o queixoso e não a acusada e que se trocaram os papeis: ele, defensor só tem de acusar; o seu colega representante da acusação particular, tem apenas um papel de defesa. Estranha o facto do queixoso não estar presente.

Analisa o libelo que acusa D. Beatriz de Azevedo de disparar varios tiros, com intenção de matar. Diz que essa intenção não se prova, antes pelo contrario, pois, se houvesse intenção de matar, a tão pouca distancia, não resultaria um ferimento tão pouco grave. Contesta tambem a permeditação.

—E' verdade que ela disparou os tiros. Mas fê-lo, quando se sentiu abandonada, ferida no seu orgulho e afrontada na sua paixão. Não é uma criminosa, nem á face do Codigo Penal, nem á face das leis morais que regem as sociedades. Não praticou esse acto voluntariamente, mas devido a uma excitação. Esta senhora não pode ser condenada, porque não fez mais do que desagravar a sua honra.

* * *

Tem a palavra o sr. dr. Castro Lopes, delegado do ministerio publico, que cumprimenta a imprensa, lamentando que ela se desinteresse tanto pelo que se passa nos tribunais. Aponta varias deficiencias de instalação. Sobre a causa em discussão, exclama:

—Todos quantos teem assistido a este julgamento teem sofrido muito.

Falando sobre a acusação particular, diz que o surpreenderam agradavelmente as suas palavras:

—Não acusou; apenas quiz defender um ausente que ia ser acusado.

O sr. dr. Diogo Ribeiro diz que não esperava ter de replicar ao sr. dr. Carlos Olavo, pois o seu constituinte lhe dera ordem de zelar pelo seu nome.

—A defeza fez ao meu constituinte acusações que não provou, como vou demomonstrar.

Desmente as referencias que alguns jornais têm feito ao estudante Pimenta de Castro e que este houvesse desbaratado dinheiro pertencente á acusada.

Afirma que da parte do seu constituinte ou do sua familia, não houve qualquer acção tendente a perseguir D. Beatriz de Azevedo.

Salienta a maneira correcta como se referiu á acusada, em contraste com o que a defesa fez em relação ao seu constituinte.

A audiencia é suspensa por dez minutos.

Reaberta a audiencia, o sr. dr. Carlos Olavo replica, justificando a sua atitude.

— Não podiam constituir surpresa as palavras que proferi, em defesa da minha constituinte.

Referindo-se ás considerações do sr. dr. Diogo Ribeiro, diz que, se ele não acusou, foi porque sentiu que o não devia fazer. Ataca novamente a morosidade do processo.

D. Beatriz de Azevedo, comovida, diz que depõe a sua sorte nas mãos dos jurados.

O juiz presidente lê os quesitos. O juri recolhe para deliberar. Pouco depois, é lida a sentença que absolve a acusada.